

OS SABORES DO/NO RIO ARAÍ

MIGUEL DE NAZARÉ BRITO PICANÇO¹

Araí está localizada no meio rural, a 60 km do município de Augusto Corrêa, na região nordeste do estado do Pará. É um vilarejo com aproximadamente três mil habitantes, sendo uma das maiores comunidades rurais do município e tem como principais atividades produtivas a plantação de roça de mandioca e a pesca artesanal (PICANÇO, 2018). Esta última se processa nos manguezais e nas águas do principal rio do lugar, denominado de rio Araí. Torna-se necessário registrar aqui que “os Manguezais são ecossistemas que apresentam uma alta biomassa e concentração de biodiversidade. A alta produtividade favorece a exploração destes ecossistemas por muitas populações que vivem tradicionalmente da mariscagem e da pesca artesanal” (SOUTO, 2004, P. 22), como é o caso de praticamente todos os habitantes das comunidades rurais, do salgado paraense, em particular dos moradores de Araí. Portanto, este ensaio é um recorte do campo fotoetnográfico, deste aprendiz de etnógrafo, que há algum tempo tem se dedicado a estudar e registrar por meio de imagens as experiências de pescaria e comensalidades do povo araiense e diz respeito a dois seres que povoam não apenas os manguezais e as águas do rio Araí, mas também as mesas dos araienses, a saber: o baiacu (*tetraodontídeos*) e o turu (*Teredo navalis*).

O primeiro é um peixe conhecido por ser venenoso. Seu veneno concentra-se em uma pequena glândula (conforme mostrado na imagem 4), que depois de retirada o torna próprio ao consumo humano. Já o segundo é um molusco que em tempos de outrora alimentava as populações ameríndias da Amazônia. Para os de fora sua aparência causa estranheza, para os araienses ele é comida de sustança, com considerável poder curativo e afrodisíaco. Tanto um quanto o outro, contribuem para composição alimentar dos povos amazônicos da região bragantina e do salgado paraense, como é o caso do povo de Araí, tratando-se, assim, de uma linguagem de identidade (MACIEL, 2005, CONTRERAS, 1992), de um povo caboclo e amazônico.

¹ Doutor em Ciências Sociais, pelo PPGCS da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pós-doutor em Antropologia da Alimentação, pelo Observatorio de la Alimentación.e pesquisador do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais do Brasil (LAPCAB).

Dito isso, importa aqui frisar que, as fotografias deste ensaio etnofotográfico, como diria Samain (2012, 2005), são uma maneira de ver e pensar uma dada realidade sociocultural. Assim, é importante também frisar, que faz algum tempo que a fotografia tornou-se um potente instrumento de coleta de dados, com especificidades que contribuem como “[...] forma de saber ver e saber dizer melhor para fazer pensar por meio da imagem [...]” (SAMAIN, *apud* ACHUTTI, 2004, p. 83). Em alguns casos, tais especificidades escapam a outras técnicas de coleta. Ela permite ao etnógrafo captar detalhes empíricos que normalmente não se mostram à primeira vista. São detalhes que se escondem por detrás da aparência e que, às vezes, só a fotografia pode revelar. Esses detalhes são aqueles secundários ou marginais, os que não foram ditos, mas que podem ser decisivos para o trabalho do etnógrafo.

Assim, as imagens deste ensaio são autônomas, “pensam” e nos fazem pensar sobre o modo singular de pescar e comer, dos pescadores do rio Araí.







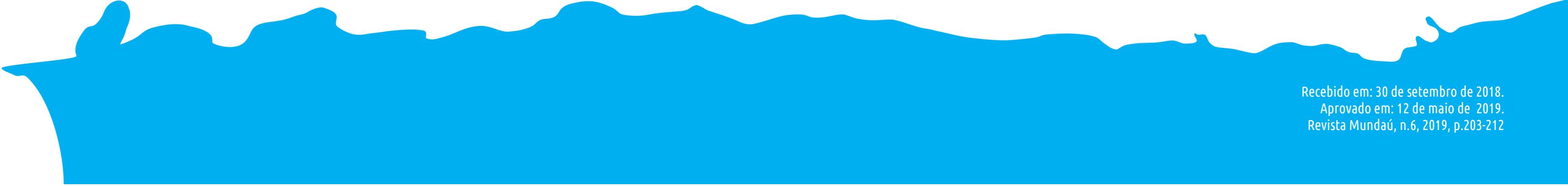






REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.
- CONTRERAS, Jesús. Alimentación y Cultura: reflexiones desde la Antropología. Universidad de Chile. Facultad de Ciências sociais: *Revista Chilena de antropología*, n. 11, p. 95-111. 1992. Disponível em: <<http://www.revistadeantropologia.uchile.cl/>>. Acesso em: 3 ago. 2016.
- MACIEL, Maria Eunice. Olhares antropológicos sobre a alimentação: Identidade cultural e alimentação. In. CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD., orgs. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível* [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p. 48-5, 2005. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- PICANÇO, Miguel de Nazaré Brito. *Na roça, na mesa, na vida: uma viagem pelas trajetórias da mandioca, no e além do nordeste paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2018.
- SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/senac, 2005.
- SOUTO, Francisco José Bezerra. *A CIÊNCIA QUE VEIO DA LAMA: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Programa de pós-graduação em Ecologia e recursos Naturais: 2004.



Recebido em: 30 de setembro de 2018.
Aprovado em: 12 de maio de 2019.
Revista Mundaú, n.6, 2019, p.203-212